

**DONALD RAY POLLOCK**  
*Banquete no Paraíso*



**DONALD RAY POLLOCK**

*Banquete  
no Paraíso*

*Tradução do inglês por*

TÂNIA GANHO

S  
M

Um dia, em 1917, quando mais um infernal mês de agosto começava a aproximar-se do fim ao longo da fronteira que separa a Geórgia do Alabama, Pearl Jewett acordou os filhos antes de raiar o sol, com um berro gutural que teve mais de animalesco que de humano. Os três rapazes levantaram-se silenciosamente dos respectivos cantos da cabana de uma só divisão e enfiaram as suas roupas imundas, ainda húmidas com o suor dos trabalhos da véspera. Uma ratazana tihosa coberta de crostas correu pela chaminé de rocha acima, deixando cair pedaços de argamassa para dentro da lareira apagada. O luar infiltrava-se nas brechas entre as paredes de toros e estendia-se em finas tiras leitosas no chão de terra vermelha. Com as cabeças quase a tocarem no teto baixo, eles reuniram-se no meio da cabana para tomarem o pequeno-almoço e Pearl deu a cada filho um bocado insípido de farinha com água, frita na noite anterior num resto de banha. Só voltariam a comer à noite, altura em que receberiam uma porção do porco doente que tinham matado na primavera, acompanhada por um puré de batata cozida e verduras selvagens, servidos nuns pratos de lata amolgados, por uma mão que nunca estava limpa, de um tacho que nunca era lavado. À exceção de uma chuvada esporádica, todos os dias eram iguais.

– Voltei a ver dois dos pretos, ontem à noite – disse Pearl, olhando fixamente pela abertura tosca que fazia as vezes de janela, a única da cabana. – Lá fora, assentados na tulipeira, a

cantar aquelas músicas deles. Cheios de genica. – Segundo o proprietário do terreno, o major Thaddeus Tardweller, os últimos inquilinos da cabana, uma família alargada de mulatos da Louisiana, tinham morrido, todos eles, com a febre, anos antes, e estavam enterrados nas traseiras, nas ervas daninhas ao longo do perímetro do curral dos porcos, agora vazio. Devido aos receios de que a doença perdurasse num lugar onde negros e brancos se tinham misturado, o major não conseguira convencer ninguém a viver ali, até que aparecera o velhote com os filhos, no outono anterior, meio mortos de fome e à procura de trabalho. Ultimamente, Pearl via os fantasmas deles em toda a parte. Na manhã anterior, tinha contado cinco. Escanzelado e grisalho, boquiaberto e com as calças manchadas de amarelo à frente devido à bexiga incontinente, teve a sensação de que poderia juntar-se a eles no Além, a qualquer instante. Deu uma dentada no biscoito e perguntou: – Vocês ouviram eles?

– Não, pai – respondeu Cane, o mais velho –, acho que não. – Aos vinte e três anos, Cane era bastante atraente para filho de meeiro, tendo herdado o melhor dos pais: o corpo alto e esguio do pai, e as feições bem definidas e o cabelo escuro e grosso da mãe; mas a maneira dura e sem esperança como viviam já começava a marcar-lhe o rosto com rugas finas e a semear-lhe a barba de branco. Era o único da família que sabia ler, pois tinha idade suficiente para a mãe, antes de falecer, o ter ensinado com a ajuda da bíblia e de uma velha cartilha que um vizinho lhe emprestou; e os desconhecidos geralmente viam-no como o único dos rapazes dotado de um mínimo de potencial, ou, pelo menos, de algum juízo. Baixou os olhos para o disco gorduroso que tinha na mão e viu um cabelo branco encaracolado preso na massa com uma marca de um polegar sujo. A ração daquela manhã era mais pequena do que habitualmente, mas, depois, lembrou-se de ter dito a Pearl, na véspera, que tinham de cortar nas doses, para que a saca de farinha durasse até ao outono.

Arrancando o cabelo do seu pequeno-almoço, observou-o a pairar até ao chão e só depois deu uma dentada no biscoito.

– A única coisa que eu ouvi foi a ratazana do costume a correr dum lado pró outro – disse Cob. Era o do meio, baixo e corpulento, com uma cabeça redonda como um grão-de-bico e uns olhos verdes aguados que pareciam sempre um nadinha desfocados, como se tivesse acabado de levar com uma tábua no crânio. Embora tivesse a força de dois homens, Cob sempre fora um pouco lerdo e, regra geral, safava-se na vida seguindo o exemplo de Cane e queixando-se pouco, por mais funda que fosse a merda, por mais pequeno que fosse o biscoito. Até ver as horas era de mais para o cérebro dele. Ou seja, dizendo as coisas sem rodeios, ele era aquilo a que as pessoas costumavam chamar, naquela época, o idiota da terra. Há sempre um em todas as povoações, acorrido junto de uma fonte, à espera de um olá simpático ou de uma esmola de algum bom cidadão que passe, alguém com suficiente compaixão para perceber que, se não fosse pela graça de Deus, poderia ser ele próprio ali sentado naquela triste solidão maltrapilha. Verdade seja dita, se não fosse Cane tratar dele, provavelmente Cob teria acabado assim, a viver numa esquina de rua, pedindo restos de comida e uns trocos com uma lata ferrugenta de feijão.

O velhote esperou um instante que o filho mais novo respondesse e, então, disse:

– E tu, Chaminé? Ouviste eles?

Chaminé levantou-se, com um olhar atordoado no seu rosto borbulhoso e manchado de sujidade. Ainda estava a pensar na flausina com uma falha entre os dentes e as mamas grandes que o grasnido rouco do pai afugentara, uns minutos antes. Na noite anterior – como acontecia quase todos os serões, sempre que Pearl «apagava» na enxerga antes de ficar demasiado escuro para se conseguir ver –, Cane lera em voz alta para os irmãos uns trechos de *A Vida e Época de Bill Bucket Sanguinário*, um

romance de aventuras baratucho e manchado de humidade, glorificando as façanhas criminosas de um antigo soldado da Confederação, que se transformara em assaltante de bancos e espalhara uma onda de terror pelo velho Oeste. Na sequência disso, Chaminé passara as últimas horas a sonhar com tiroteios em planícies tórridas e desérticas, e com uma ratinha que sabia a mel. Olhou para os irmãos, a bocejarem e a coçarem-se como um par de cães, a comerem o que mais pareciam uns bocados de barro e a ouvirem o sacana do velho maluco a disparatar sobre os seus amiguinhos pretos do Além. Como é óbvio, percebia que Cob acreditasse nas lérias de Pearl; o cérebro dele era tão mirrado que nem enchia uma colher de chá. Mas porque é que Cane continuava a alinhar na conversa? Não tinha lógica nenhuma. Cos diabos, ele era mais esperto do que qualquer um deles. Ser leal a uma mãe ou um pai velhotes era muito bom até certo ponto, pensou Chaminé, por mais loucos ou senis que eles estivessem, mas... e eles próprios? Quando é que podiam começar a viver?

– ‘Tou a falar contigo, rapaz – disse Pearl.

Chaminé baixou os olhos para o rodapé de bolor cinzento-esverdeado que crescia nas paredes da cabana. Um simples «sim» ou «não» não bastaria, não nessa manhã. Talvez por ele, com os seus dezassete anos, ser a ovelha negra da família, a rebeldia sempre predominara no seu feitio e, quando estava com os azeites ou com vontade de provocar, era capaz de dizer e fazer fosse o que fosse, sem se importar com as consequências. Lembrou-se outra vez da rameira boazona do seu sonho, cujas covinhas no rabo e voz sensual já começavam a esmorecer e, daí a nada, seriam completamente apagadas pelo suplício extenuante de ter de usar um machado mais um dia inteiro, com quase quarenta graus de temperatura.

– Não me parece nada mau, como vida – disse ele, finalmente, a Pearl. – Passar o dia todo espojado a palitar os dentes

e a tocar música. Meu Deus, porque é que só eles é que se divertem e a gente não?

– O quê?

– Eu disse que pela maneira como as coisas andam nesta maldita casa, eu nem pensava duas vezes em trocar de lugar com um preto morto.

Fez-se silêncio, enquanto o velho puxava os ombros curvados para trás e cerrava os lábios num esgar cruel. A primeira coisa que veio à mente de Pearl, fechando os punhos, foi deitar o rapaz ao chão, mas, quando virou as costas à janela, já tinha mudado de ideias. Era demasiado cedo para verter sangue, mesmo sendo justificado. Aproximou-se de Chaminé e perscrutou-lhe o rosto magro e triangular, os olhos frios e insolentes. Por vezes, o velho tinha dificuldade em acreditar que o rapaz fosse da sua família. Cob fora sempre uma desilusão, mas, pelo menos, tinha bom coração e era obediente, e Cane, bom, só um tolo veria algum defeito nele. Chaminé, pelo contrário, era impossível de perceber. Era capaz de trabalhar que nem um cão, num dia, e no outro recusar-se a mexer uma palha, por mais ameaças que Pearl fizesse. Ou era capaz de dar a sua porção do jantar a Cob e, depois, virar-se e cagar-lhe nos sapatos enquanto ele comia. Era como se não conseguisse decidir-se entre o bem e o mal e, portanto, se esforçasse ao máximo nos dois sentidos. Além disso, era tarado por mulheres, desde que descobrira que o pau ficava duro. E estava-se nas tintas para quem soubesse disso; era ouvi-lo a esgalhar o pessegueiro na enxerga, duas ou três vezes por noite, todas as noites, especialmente se Cane lhe tivesse lido outra vez umas páginas daquele maldito livro que eles tratavam como se fosse uma relíquia sagrada. Pearl lembrou-se de uma coisa que tinha ouvido um leiloeiro dizer numa venda de gado: que à medida que o macho vai envelhecendo, as ninhadas tornam-se mais fracas, não só fisicamente, mas também de cabeça. «E não se

aplica só aos animais», disse o homem. «Havia um velho na minha terra que se casou com uma catraia e decidiu, aos cinquenta e nove anos, pôr mais um filho no mundo antes que a semente dele secasse de vez. O coitado nasceu com uma tara como as daqueles tipos que estão trancados no manicómio de Memphis.»

«Que fim levou ele?», perguntara Pearl.

«Foi vendido a um maluco qualquer da América do Sul, que coleciona essas coisas», respondera o leiloeiro. Na altura, Pearl não dera importância à teoria do indivíduo, pensara que era apenas um argumento para aumentar as licitações de um par de jovens touros, mas agora percebia que talvez tivesse o seu quê de verdade. Embora detestasse admiti-lo, pelos vistos a sua semente já tinha perdido um certo vigor quando ele e Lucille fizeram Cob e, quando pôs Chaminé no ventre da mãe, já o seu leite passara de levemente aguçado a assumidamente azedo.

Ainda assim, talvez por ser o mais novo ou por ainda não ter a barba desgrenhada que os irmãos usavam, Chaminé continuava a ser aquele que mais lhe lembrava a sua falecida mulher. Aproximou-se mais dele e fitou os olhos do rapaz ainda com mais atenção, como se perscrutasse um portal cheio de fumo que dava para o passado. Chaminé olhou outra vez para os irmãos e enfiou o resto do biscoito na boca. O hálito do velho fedia a gases estomacais e a banha rançosa. Um pássaro solitário começou a chilrear algures ali perto e, de repente, Pearl deu por si a lembrar-se de uma noite longínqua em que levava Lucille a casa, depois de um baile num estábulo, umas semanas antes de se casarem. O céu outonal estava pontilhado de estrelas cintilantes e, no ar fresco, perdurava uma leve fragrância a madressilva. Ouvia o cascalho a restolhar debaixo dos seus pés. O rosto dela surgiu-lhe na mente, jovem e bonito como da primeira vez que a vira, mas no instante em que se preparava para esticar a mão e lhe tocar na face, Chaminé quebrou o feitiço.

– Fogo – disse ele –, a gente até podia perguntar aos pretos se eles estavam dispostos a...

Sem qualquer sinal de aviso, Pearl esticou a mão, rápido como um chicote, e agarrou no rapaz pelo gasganete.

– Cospe – rosnou. – Cospe. – Chaminé tentou soltar-se, mas as garras do velho, temperadas por anos de lavoura, ceifa e apanha, eram fortes como um torniquete. Com a traqueia comprimida, rapidamente parou de se debater e conseguiu cuspir umas quantas migalhas molhadas, que ficaram coladas aos pelos do pulso de Pearl.

– Ele não falou por mal, pai – disse Cane, avançando para eles os dois. – Solta-o. – Embora achasse que o irmão provavelmente merecia que lhe apertassem o gasganete, nem que fosse por ser um chato permanente, Cane também sabia que irritarem o pai logo pela manhã significava que ele exigiria o dobro deles nos campos, nesse dia, e já era suficientemente difícil trabalharem a um ritmo lento só com um biscoito no estômago.

– ‘Tou farto das bocas dele – disse Pearl, por entre os dentes cerrados. Depois, fungou e apertou ainda mais o pescoço do rapaz, aparentemente decidido a calá-lo para sempre.

– Eu disse para o largares, caraças – repetiu Cane, agarrando no outro braço do velho e puxando-o com força para as costas, com uma torsão violenta que encheu o ar com um sonoro estalido. Pearl soltou um uivo estridente, libertando-se de Cane e empurrando Chaminé. O rapaz tossiu e cuspiu o resto do biscoito para o chão e ficaram todos a olhar, à meia-luz soturna, enquanto o velho o esmigalhava na terra com o sapato, ao mesmo tempo que esfregava o ombro dorido. Não disseram nem mais uma palavra. Até Chaminé ficou temporariamente sem fala.

Quando Pearl acabou, saíram todos atrás dele da cabana, em fila indiana. Cob deteve-se no poço e tirou um balde de água e eles carregaram-no, juntamente com as ferramentas

– três machados de cabeça dupla, um par de facas de mato e um sabre enferrujado com a ponta partida –, ao longo da orla de um comprido campo de algodão verde. Quando o sol encimou as colinas a oriente, parecendo o olho raiado de sangue de um beberrão ressacado, chegaram a um terreno pantanoso que andavam a limpar para o major Tardweller. Ele prometera-lhes uma recompensa de dez galinhas poedeiras se despachassem o trabalho em seis semanas, e Cane calculou que, ao ritmo a que trabalhavam, talvez conseguissem cumprir o prazo. Despiu a camisa esfarrapada e pendurou-a por cima do balde de lona, para afastar as moscas e mosquitos, e assim começou mais um dia de trabalho. À tarde, com água morna a balouçar de um lado para o outro nos seus estômagos vazios, já só conseguiam pensar no porco doente que estava pendurado no fumeiro.